

Há uma linhagem das revistas brasileiras de cinema que vai de O Fã, publicada pelo Chaplin Clube no final dos anos 1920, e chega até as revistas virtuais de hoje. Esta linha do tempo passa pela Revista de Cinema, publicada pelo Centro de Estudos Cinematográficos, de Belo Horizonte, no final dos anos cinquenta, mas se adensa em Filme Cultura, em meados da década de 1960. A revista foi editada primeiramente pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo - INCE (ed. 1 e 2, em 1966), depois pelo Instituto Nacional de Cinema - INC (ed. 3 a 27, entre 1967 e 1975), em seguida pela Empresa Brasileira de Filmes - Embrafilme (ed. 28 a 47 e mais uma edição especial para o festival de Berlim, de 1978 a 1987), e pela Fundação do Cinema Brasileiro - FCB, que editou o nº 48, último da série histórica, em 1988. Amparada pela força do estado, foi a mais longa.

Vinte e dois anos depois da publicação do último número em que sua edição regular foi interrompida, retomá-la é um ato de audácia. Em plena era digital, onde abundam sites, blogs, *twitter*, sem falar nas já citadas revistas críticas que vivem no ambiente *web*, relançar uma revista que relacione 'filme' e 'cultura' em um suporte tão antigo quanto o papel tem um significado. Papel vem de papiro e remete ao Egito Antigo. Enquanto não se sabe qual será a permanência futura do armazenamento de dados em CD, DVD, servidores ou fazendas de servidores (*cloud computing*), constata-se que o papel dura séculos, talvez milênios. É coisa para se guardar. Voltar ao papel, ao prazer do toque, ao conforto da leitura será nostalgia, ou antevisão de um mundo pós-tecnológico? As coisas mudam e não mudam.

Nesta volta, duas décadas depois, houve a grande tentação de dedicar esta edição da revista ao que ficou no meio. Mas como ensina Wittgenstein, vive eternamente quem vive no presente. Por mais que o passado seja rico e o futuro reserve o mistério do imprevisível, preferiu-se simplesmente o 'agora'. Visão do alto, panorâmica, mas aguçada. A descentralização da produção de filmes proporcionada pela revolução digital é uma situação extremamente contemporânea. Diversidade cultural começa em casa. Viajar de Norte a Sul pelos ambientes de produção audiovisual que estão gerando novos olhares é uma opção que se impôs, como recomeço de conversa. Que país é este é uma pergunta que subjaz à toda a História do Cinema Brasileiro. Mais ainda, agora.

Esta retomada de Filme Cultura começou a refazer-se quando Juca Ferreira, então secretário-executivo do Ministério da Cultura, identificou a necessidade do processo audiovisual brasileiro ser pensado a partir de sua estética e de sua inserção nacional como fator de cultura. Superar a overdose da obsessão econômica e da discussão política corporativa. Reforçou-se com a ida de Silvio Da-Rin, que não se limita a ser um técnico e documentarista respeitado, para a Secretaria do Audiovisual. Intelectual, quadro político e gestor, sabe da importância que a reflexão tem para constituir conceitos e valores. Alfredo Manevy, ele próprio oriundo de uma excelente revista de cinema, Sinopse, priorizou e a Petrobras compreendeu o sentido da iniciativa. Viabilizada graças à visão ampla e generosa que José Carlos Barboza e o Instituto Herbert Levy, do qual é dirigente, têm do fenômeno cultural brasileiro. E terminou quando o 'punhado de bravos' que consta do expediente da revista lançou as mãos à obra. O país, o cinema, o audiovisual brasileiro agradecem. Filme Cultura também.

GUSTAVO DAHL DIRETOR DA FILME CULTURA E GERENTE DO CTAV